

RELAÇÃO ESTUDO E TRABALHO ENTRE UNIVERSITÁRIOS BOLSISTAS DE CAMADAS POPULARES

Ana Karina Brocco

Nadir Zago

Resumo: Vários estudos já indicaram que a inserção dos jovens no trabalho está frequentemente relacionada a uma necessidade do estudante para se manter na universidade. Neste texto, temos como objetivo apresentar resultados de uma pesquisa sobre a relação entre estudo e trabalho para universitários provenientes de famílias com reduzidos recursos econômicos e culturais, que são beneficiários de bolsa de estudo. A pesquisa está fundamentada em informações oriundas do banco de dados de uma universidade comunitária, que permitiram uma caracterização socioeconômica dos beneficiários de bolsas de estudo na instituição investigada. Para aprofundar as informações sobre o tema e na perspectiva dos estudantes, nos apoiamos em entrevistas realizadas com um grupo de onze bolsistas inscritos em diferentes cursos de ensino superior. Os resultados desta segunda etapa sinalizam as estratégias adotadas neste convívio entre estudo e trabalho, os limites desta simultaneidade e variações nas configurações encontradas. O tipo de atividade desenvolvida, a carga horária e a remuneração, bem como as exigências do curso, entre outros, influenciam nessa configuração.

Palavras-chave: ensino superior; trabalho e estudo; estudantes bolsistas.

1 - Introdução

Análises do estado do conhecimento sobre a relação entre trabalho e escolaridade indicam que este tema não é novo na pesquisa educacional, certamente por se tratar de uma simultaneidade que atinge proporção importante dos jovens brasileiros. Em levantamento da produção de dissertações e teses no período 1999-2009 sobre o mesmo tema, Peregrino (2009) destaca que é no campo da educação que a grande maioria das pesquisas foram produzidas sobre o assunto, e a importância na área está associada às mudanças no sistema de ensino, via implementação de políticas de acesso a partir da década de 1990 e também de uma tradição teórica no campo da educação.

A proporção dessa relação entre trabalho e estudo cresce conforme a faixa etária do estudante, sexo, cor, renda familiar, conforme indicam as estatísticas nacionais. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2007, na faixa etária de 14-15 anos (80% residentes em áreas urbanas), 18% dos jovens estavam trabalhando na época da pesquisa, entre 16 e 17 anos (81% residentes em áreas urbanas) esse índice sobe para 34,7%. Por outro lado, ficou também demonstrado que as crianças e jovens permanecem mais tempo na escola evidenciando um crescimento do número médio de anos de estudos no período de 1995 até 2007:

“de 5,4 para 7,3 anos na faixa etária dos 15 aos 17 anos, de 6,3 para 8,8 anos entre 18 e 19 anos e de 6.7 para 9,3 anos na faixa etária de 20 a 24 anos” (PEREGRINO, 2009, p. 89).

Este último grupo etário nos interessa particularmente, por se tratar de jovens que potencialmente poderiam estar frequentando o ensino superior. Embora venha ocorrendo um crescimento do acesso da população neste nível de ensino, a proporção de jovens de 18 a 24 anos não atinge 20%, mesmo com o aumento significativo do número de matrículas no ensino superior que ocorreu entre 2003 a 2012: de 3.887.022 para 7.037.688 matrículas, de acordo com o Censo da Educação Superior de 2012 (INEP, 2013).

A população universitária se tornou mais heterogênea, consequência de políticas públicas que favoreceram o ingresso de grupos sociais que tinham pouca representatividade no ensino superior, mas se trata ainda de um ensino bastante hierarquizado. Dados do período 2004-2009, (Ristoff, 2013), reforçam a permanência da forte relação entre o perfil socioeconômico, a área de formação e a condição do estudante: dos 56% estudantes brasileiros que trabalham e estudam, os mais altos percentuais encontram-se nos cursos de licenciatura, em torno de 70%. No curso de Pedagogia 79% dos estudantes trabalham, em História são 73% e Biblioteconomia 69%, enquanto estão na mesma condição 8% dos estudantes de Medicina e 15% de Odontologia. Os estudantes de Medicina, em 67% dos casos, têm pai com instrução superior, provem de família das duas faixas de renda mais elevadas (70%), já no outro extremo somente 7% dos estudantes de Pedagogia têm pai com escolaridade superior e em 95% dos casos não provem de famílias com alto rendimento. Ainda de acordo com Ristoff (2013), houve um aumento de 11% de estudantes provenientes de famílias de baixa renda (até três salários mínimos),

[...] com pequenas variações, este quadro se repete para os demais cursos, o que nos leva a inferir que a origem social e a situação econômica da família do estudante são sem dúvida fatores determinantes na trajetória do jovem. [...] Um importante fenômeno a ser destacado, a partir da análise dos dados, é que uma boa parcela dos pertencentes aos cursos com maior proporção de trabalhadores e com pais de baixa escolaridade faz parte da primeira geração de universitários nas suas famílias. (RISTOFF, 2013, p. 18).

Conforme vários autores¹ já indicaram, a inserção dos jovens no trabalho está frequentemente associada a uma necessidade para o estudante se manter na universidade. Como síntese, estes trabalhos chamam a atenção para os impasses por ele vivenciado na sua condição de trabalhador-estudante. Como observou Zago (2006), o tempo investido no trabalho como forma de sobrevivência impõe, em vários casos, limites tanto no tempo investido nos estudos quanto na participação em atividades sociais e culturais.

¹ Entre outros, Arenhaldt (2012); Vargas; Paula (2011); Almeida (2010); Zago (2006).

Conseqüentemente, o estudante precisa mobilizar um grande investimento material e persistência pessoal, para garantir a continuidade dos estudos e sua permanência na universidade.

Dados apresentados por Vargas e Paula (2011) também sinalizam os efeitos do trabalho na vida do estudante. Segundo as autoras, grande parte do insucesso quanto às baixas taxas de conclusão do curso superior (entre 57% e 59%, no período de 2002 a 2006²), ocorre pela dificuldade de conciliar trabalho e estudo. Como observam ainda as mesmas autoras: “Ignorar essa problemática implica em incidir na perversa falácia de que o sistema educacional é democrático e como tal, restaria ao estudante aproveitar a ‘oportunidade’ que lhe foi aberta, no caso, pela ampliação do acesso” (VARGAS; PAULA, 2011, p. 15).

No presente texto, temos como principal objetivo, discutir como se apresenta a relação entre estudo e trabalho para universitários provenientes de famílias com reduzidos recursos econômicos e culturais, que são beneficiários de bolsa de estudo. Guiaram a análise as seguintes questões: o trabalho como fim de sobrevivência concorre com os estudos? Se existe comprometimento, como ele se expressa em termos de tempo investido e resultados acadêmicos?

Para realizar a análise, nos apoiamos nas contribuições de Coulon (2008), a respeito do ofício do estudante; Forachi (1977), sobre a problematização e categorização da relação estudo-trabalho; nos apoiamos igualmente nas estatísticas do ensino superior apresentadas por Ristoff (2013); neste último autor e Bourdieu (2012) para uma problematização dos limites das políticas de acesso ao ensino superior; ainda outras fontes que são resultados de pesquisas realizadas no Brasil, sobre a mesma temática.

O material empírico que apresentamos foi obtido em uma pesquisa com estudantes bolsistas de uma universidade comunitária³, cujos dados foram obtidos em duas fontes principais⁴: 1) dados predominantemente quantitativos, provenientes de um banco de dados da instituição pesquisada e analisados com recursos do software *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), permitiram uma caracterização dos estudantes beneficiados com bolsa de estudo federal, segundo suas condições socioeconômicas; 2) entrevistas compreensivas e em profundidade, realizadas com onze bolsistas. Para a entrevista, a seleção dos bolsistas obedeceu os seguintes critérios: ser universitário com bolsa de estudo federal, no ano base de

² Os dados utilizados pelas autoras têm como fonte MEC/INEP.

³ Os dados e a análise que compõe esse trabalho são parte de uma dissertação de mestrado em educação, que teve como questão central a condição do estudante bolsista no ensino superior, visando aprofundar o conhecimento sobre as possibilidades e os limites das bolsas de estudo na trajetória social e escolar do estudante.

⁴ Após a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa da universidade.

2014, de ambos os sexos, com idade diferenciada, de diversos cursos assim como de períodos distintos da graduação.

2 - O trabalho e a relação com os estudos entre os universitários pesquisados

Apresentamos inicialmente dados que compõe o cadastro dos bolsistas na instituição. Em relação às características sociais dos 2.094 universitários beneficiados com a bolsa de estudo, em 2014/1, notamos que não se trata de um grupo homogêneo. Há uma predominância de bolsistas do sexo feminino (69,8%), com idade entre 18 e 24 anos (79,6%), e solteiros (83,6%). A maioria faz parte da primeira geração de universitários de suas famílias, aproximadamente a metade (49,2%) dos bolsistas são provenientes de famílias nucleares, os pais têm baixo capital escolar e desempenham funções pouco remuneradas, com renda média *per capita* familiar entre meio e um salário mínimo (68,3%). Também há um número não desprezível de bolsistas com dependentes (13,1%). Quanto ao perfil acadêmico, a maior parte frequenta cursos da área de Ciências Sociais Aplicadas (46,1%), estão nos primeiros períodos do curso (57,6%) e a grande maioria (87,1%)⁵ apresenta bom desempenho acadêmico na graduação.

Aproximadamente a metade (51,5%), faz parte de uma realidade recorrente entre os jovens universitários brasileiros: a condição de estudo concomitante ao trabalho. É provável que este índice seja superior ao indicado se considerarmos que 17% afirmam estar em situação de desemprego.

Os indicadores que seguem dão visibilidade às funções incluídas nessa categoria trabalho, enquanto atividade paralela aos estudos: 35,9% dos bolsistas declaram-se empregados, embora não especifiquem a função que exercem. Outros 15,6%, que a especificam, declaram a condição de estudante com estágio remunerado (7,1%), um grupo exerce atividades independentes (4,2%) como trabalhadores do setor informal ou autônomos, outro grupo (3,2%) declara exercer atividades agrícolas e, em menor percentual (1,1%), atividades ligadas aos serviços domésticos. Há uma proporção importante de estudantes bolsistas (23%) que somente estudam ou nunca trabalharam. Não responderam ou

⁵ Destes, 50,9% apresentam média de 7,0 a 8,0; 34,8% de 8,01 a 9,0 e 1,4% acima de 9,01.

responderam na opção *outros*, 8,5% dos estudantes, impossibilitando inferir a situação em que se encontram.

De posse dessas informações quantitativas que possibilitaram uma caracterização dos bolsistas, nos voltamos para outra etapa da pesquisa, de natureza predominantemente qualitativa, apoiada em entrevistas. Nesta buscamos aprofundar as informações com o objetivo de compreender a relação entre estudo e trabalho, com um grupo de onze estudantes. Em um breve resumo sobre o perfil dos entrevistados⁶, destacamos: sete são do sexo feminino e quatro do masculino, a maior parte com idade entre 18 e 22 anos (três tinham acima de 30), nove são solteiros (uma é casada e uma divorciada). Seus pais, em sua maioria, frequentaram apenas os anos iniciais do ensino fundamental (dois não acessaram a escola e apenas dois concluíram o ensino médio) e exercem ocupações de baixa remuneração (nas áreas de agricultura, limpeza, costura, transporte e, em menor número, administrativa), três são aposentados e um é pensionista.

Todos os bolsistas entrevistados cursaram a educação básica na rede pública (apenas um estudou parte em escola particular com bolsa⁷) e frequentavam diferentes cursos da graduação (Administração, Arquitetura e Urbanismo, Direito, Educação Física, Matemática, Medicina, Odontologia, Pedagogia e Serviço Social). Deste grupo de onze estudantes, sete obtiveram bolsa de estudo integral e quatro parcial. O valor da bolsa não representava um recurso para o estudante dispor para seus gastos pessoais, mas para deduzir do valor da mensalidade (100% integral e 50% parcial), numa universidade que embora comunitária e sem fins lucrativos, não é gratuita.

No momento da pesquisa sete estudantes trabalhavam (recebendo entre meio e um salário mínimo), mas a configuração trabalho - estudo, foi se modificando ao longo da trajetória escolar do grupo de onze entrevistados. O trabalho concomitante ao estudo não foi uma realidade que conheceram na juventude. Para a maioria, durante o ensino médio, e para boa parte (5 bolsistas), ainda no ensino fundamental, a escolaridade esteve associada ao trabalho e à sobrevivência. Esta condição foi determinante para que três entrevistados interrompessem os estudos, como no caso de um estudante de 38 anos (bolsista 9 - Administração), que desistiu do primeiro ano do ensino médio devido à alta carga de trabalho, voltando aos bancos escolares um ano depois, com o incentivo de uma professora.

⁶ Ao longo do texto, assim como consta no quadro 1, utilizamos os seguintes números para identificar os bolsistas entrevistados: 1 - Medicina; 2 - Medicina; 3 - Odontologia; 4 - Odontologia; 5 - Direito; 6 - Arquitetura; 7 - Pedagogia; 8 - Ed. Física; 9 - Administração; 10 - Serviço Social e 11 - Matemática.

⁷ Um dos critérios de seleção para a bolsa, é que o estudante tenha cursado ensino médio completo em escola pública ou em escola particular, na condição de bolsista integral.

Conforme depoimento de outra bolsista, a alta carga de trabalho também foi responsável pela suspensão das aulas durante doze meses, no segundo ano do ensino médio. Trabalhando desde os 12 anos, inicialmente, como cuidadora de uma idosa, e a partir dos 14 como costureira, ela não conseguiu conciliar essa atividade (onde precisava se deslocar de cidade) com os estudos. Segundo suas palavras: “eu trabalhava o dia inteiro e chegava em casa à noite, muito cansada, então, eu não tinha vontade de ir para a aula, era muito corrido, tinha dias que começava às 5h da manhã, depois de um ano consegui uma vaga de costureira na minha cidade e voltei a estudar” (bolsista 4 - Odontologia). Vivendo uma situação semelhante a dos estudantes citados acima, a bolsista 2 - Medicina, relatou:

[...] se eu tivesse tempo só para estudar, se eu não precisasse me preocupar com casa, com comida, se eu ia ter o que vestir, o que beber no dia de amanhã, eu acho que hoje eu seria um crânio. [...], porque desde quando eu entrei na escola, até os onze anos, eu tinha todo o meu horário para estudar, eu ia muito bem, era 10, 10, 10, as minhas notas eram muito boas. [...] mas eu sempre tinha vontade de voltar a estudar, meu Deus, eu falava para as gurias, eu vou voltar a estudar, eu vou ser médica, e elas falavam assim: “para de sonhar e volta a costurar”. (bolsista 2 – Medicina).

Como podemos observar na trajetória desses estudantes, mesmo que apresentassem interesses nos estudos, suas condições objetivas de existência, marcadas pela necessidade de sobrevivência e pela escassez de recursos, dificultavam o planejamento e a preparação para o futuro. Mas no momento em que ingressam na universidade, que lugar ocupa o estudo na vida do estudante que trabalha? O ingresso no ensino superior trouxe para alguns a necessidade do trabalho como forma de manutenção da vida universitária, e para outros a impossibilidade de conciliação do trabalho com as exigências do curso, como veremos a seguir.

2.1 - Entre estratégias e limites: o estudo na vida do estudante que trabalha

Para a maioria dos entrevistados, o estudo ocupa um lugar central em suas vidas e representa esperança de um futuro melhor. É nesta projeção que encontram razões para enfrentar as adversidades materiais e pessoais para continuar seus estudos. Mas quais são as condições de estudo para que esse futuro seja possível? A observação de Coulon (2008, p. 223) nos parece bastante apropriada ao dizer que na universidade “uma passagem bem sucedida é sempre uma passagem que não apenas projeta o presente no futuro, mas que dá, no presente, lugar para o futuro”. Para o autor, ser estudante é um ofício, e como tal, deve ser aprendido, para não ser eliminado nem eliminar-se pela falta de adaptação a um novo mundo.

O processo de aprendizagem desse ofício, pode ser observado quando os entrevistados declaram que as principais mudanças com a entrada no ensino superior estão relacionadas com as formas de pensar, com a aprendizagem, a autonomia e a responsabilidade.

Ser estudante, no sentido dado por Coulon (2008), é incorporar as práticas e os funcionamentos universitários, forjando um *habitus* de estudante. Além de frequentar aulas, realizar tarefas intelectuais, implica se vincular, dialogar, realizar atividades com os outros estudantes. Isso exige aprendizagem, domínio das ferramentas e das regras, e é claro tempo, variável imprescindível para aquisição do capital cultural, como já explicitou Bourdieu (2012).

Como podemos observar no quadro 1, são poucos os bolsistas que podem ser considerados estudantes em tempo integral. Além das obrigações pessoais e sociais, muitos também precisam elaborar uma estratégia de estudo que seja compatível com suas obrigações laborais. Neste quadro relacionamos o curso universitário, o tipo de atividade e sua relação com o tempo investido na função:

Estudante/ Bolsista	Curso	Atividade remunerada desenvolvida	Tempo dedicado ao estudo	Tempo dedicado ao trabalho	Média geral do curso ⁸
1	Medicina	Bolsista de pesquisa	Parcial	Parcial	8,9
2	Medicina	-----	Integral	-----	7,0
3	Odontologia	-----	Integral	-----	7,0
4	Odontologia	-----	Integral	-----	7,5
5	Direito	-----	Integral	-----	8,5
6	Arquitetura	Trabalho informal	Parcial	Integral	7,5
7	Pedagogia	Bolsista de extensão e babá	Parcial	Parcial	8,8
8	Ed. Física	Bolsista de extensão e de iniciação à docência	Parcial	Parcial	7,8
9	Administração	Conferente de carga e descarga e autônomo em um pequeno posto de lavagem	Parcial	Integral	7,7
10	Serviço Social	Auxiliar administrativa na universidade	Parcial	Parcial	8,8
11	Matemática	Professor	Parcial	Parcial	8,8

Quadro 1: Condição de estudo dos bolsistas entrevistados Unochapecó (2014/2)

Fonte: Elaboração própria a partir do material coletado nas entrevistas. N= 11.

⁸ Média informada pelos bolsistas no momento da entrevista.

A partir dos dados apresentados no quadro 1 é possível observar que não há uma relação direta entre o tempo dedicado aos estudo (parcial ou integral) e a média obtida no curso. Embora não tenhamos elementos para considerar os critérios de avaliação adotados nos cursos e para cada disciplina/professor, acreditamos que vale a pena assinalar essa observação. Não se pode igualmente fazer uma relação direta entre o tempo de estudo, trabalho remunerado e desempenho acadêmico sem considerar o tipo de atividade. Ou seja, as médias mais elevadas são dos bolsistas (1, 7, 8, 10 e 11) que desenvolvem atividades em forma de bolsa de pesquisa ou extensão, iniciação à docência ou em outras atividades que os aproximam do curso.

A partir das categorias de estudante-trabalhador e trabalhador-estudante, definidas por Foracchi (1977), os cinco bolsistas acima citados, encontram-se na situação de estudante-trabalhador, com uma carga horária parcial e/ou flexível, desenvolvida em atividades exercidas na própria universidade, em forma de bolsas de pesquisa, extensão, iniciação à docência e afins. Assim como já constatou Zago (2006), em pesquisa realizada com universitários de uma instituição pública, esse tipo de atividade traz vantagens para o estudante. Além da flexibilização do horário e da possibilidade de utilizar a infraestrutura da instituição para estudar, o trabalho contribui para a formação do estudante, pois o aproxima com o curso de formação, potencializa o currículo e a imersão na cultura acadêmica, como podemos observar também no relato de uma bolsista entrevistada:

Eu soube do edital que era para trabalhar nos projetos de extensão, me inscrevi, passei por uma seleção, conversei com a professora e fui chamada para trabalhar [...]. Estou gostando bastante pelo fato de eu estar fazendo Pedagogia, e estar trabalhando nessa área, você tem uma noção maior, uma interação. [...] eu não estou ali pelo dinheiro, se você for ver, quase nem cobre as despesas, mas o fato de você estar ali pelo aprendizado (...). Então você vai amadurecendo e eu acho que para ser um professor, você estar num curso de Pedagogia, ou você se dedica ou você não vai para a frente. [...] É muito importante para mim estar ali, então pretendo continuar, e também pretendo entrar no PIBID, que eu acho que é muito importante também. (bolsista 7 – Pedagogia).

Se para três estudantes (1, 7 e 8), as bolsas de pesquisa, extensão, iniciação à docência, representaram a primeira oportunidade profissional, para outros dois (10 e 11), elas possibilitaram trocar a condição de trabalhador-estudante pela de estudante-trabalhador. Essa foi uma estratégia utilizada por eles, para que tivessem melhores condições de exercer o ofício de estudante. Nos excertos de suas falas, ficam marcadas as diferenças de investimento nos estudos antes e depois de se tornarem bolsistas na universidade:

[...] chegava na empresa às 7h30, saía às 18h30, pegava um ônibus e vinha direto para a faculdade. Tirava noites de sono para estudar, muitas vezes não aguentava, pegava no sono em cima dos cadernos, e finais de semana não tinha livre. [...] À partir do 5º período, eu deixei a empresa onde eu trabalhava desde quando ingressei no curso, para entrar na bolsa do PIBID. [...] Eu tinha decidido que eu não queria mais aquilo, eu queria ir para a minha área e procurar uma vaga de professor. Logo consegui mais uma bolsa, de um projeto de extensão. [...] No início algumas pessoas me chamavam de louco por fazer essa escolha, porque o valor que eu recebia pelas duas bolsas, era bem menor do que eu recebia na empresa, mas naquele momento o que eu levei em conta não foi a questão financeira, eu pensei realmente no meu futuro. Eu sabia que eu tinha que me dedicar um pouco mais, além daquele tempo que eu dedicava para fazer os trabalhos da faculdade, e trabalhando na empresa não tinha como fazer isso. [...] quem me abriu as portas para ser professor de Matemática em uma escola particular, foi o projeto de extensão. Eu fui fazer treinamento nessa escola, através do projeto, eles gostaram do trabalho que eu fiz lá e me contrataram no final do ano. (bolsista 11 – Matemática).

[...] não é um trabalho, é um estudo. No tempo que eu fiquei como bolsista de extensão, acho que foi um ano e dois meses, eu mais aprendi do que trabalhei [...]. Eu tenho várias amigas na sala que estão no 7º período, e não conseguiram deixar o emprego formal para tentar alguma coisa, para tentar um estágio remunerado. [...] tem aquelas que falam “eu vou morrer de fome se eu sair do serviço”, eu não morri, você consegue. [...] É uma coisa que você vai perceber a longo prazo e essas mesmas meninas que trabalham o dia inteiro em empresa normal, que acordam de madrugada, trabalham em frigorífico, se tu ver a dificuldade que elas têm para fazer, sei lá, um texto. Porque não tem mesmo condição de se dedicar, não arranjam tempo, o tempo que elas arranjam elas dormem, porque acordam muito cedo. Então, às vezes, vale a pena a gente sacrificar algumas coisas, para a gente conseguir outras. Eu aqui também tenho que acordar cedo, tenho que trabalhar o dia inteiro, mas não é uma coisa que me atrapalha. (bolsista 10 – Serviço Social).

A mudança da condição de trabalhador estudante para estudante com bolsa de trabalho (extensão ou outra) não é uma realidade que pode ser generalizada, pois nem todos podem prescindir de seus empregos para uma atividade de menor remuneração, embora com flexibilização de horário e proximidade com a área de formação. Como foi o caso da bolsista 6 - Arquitetura, que diante da negativa de um estágio remunerado na área, e de um trabalho que possibilitasse um ajuste entre horário e salário, encontrou na atividade informal uma opção para tentar conciliar trabalho e estudo:

[...] já me inscrevi para tentar fazer os estágios aqui, mas o que acontece, a coordenação do curso encaminha, ela conhece o pai daquele, então vamos encaminhar para fazer o estágio, sempre assim. Já consegui trabalhar numa empresa que me liberava uma tarde para eu cursar uma disciplina, só que descontava a mais do meu salário [...], eu ganhava uma miséria. Na minha cidade acontece bastante disso, por ser uma cidade pequena, que não tem fiscalização dos órgãos públicos, do Ministério do Trabalho. Então, olha, eu estou trabalhando sem carteira assinada, eu estou perdendo, só que eu preciso para não perder outra coisa (estudo). (bolsista 6 – Arquitetura).

Para Vargas e Paula (2011, p. 11), a ausência de políticas e legislação específica sobre a situação do estudante que trabalha não pode mais ser ignorada, especialmente, quando

falamos da permanência do estudante⁹. Segundo as autoras, “desperdiçamos anualmente e cassamos todos os dias, os sonhos de milhares de estudantes esgotados, frustrados e impotentes perante obrigações de trabalho e escolares inconciliáveis”. Retomamos outras passagens da entrevista da bolsista acima citada, para ilustrar as adversidades por ela enfrentadas, conforme seu depoimento, sublinhando que essa não é uma realidade particular, mas a de muitos jovens que lutam para garantir sua permanência no mundo da universidade:

Eu trabalho, tenho uns cinco, seis empregos, trabalho em feiras, eventos, formaturas. Então eu sempre dou um jeito, porque eu preciso do dinheiro para me manter, pra mim pagar meus lanches, minhas roupas, meus materiais. Eu não posso ficar parada [...]. Teve um dia que eu disse “professora, eu não tive tempo realmente de terminar o meu projeto, não tive, passei acordava, fiz, mas até a hora da entrega não tinha concluído”. Ela pediu por que eu não fiz, eu disse assim “porque eu trabalho, porque eu preciso trabalhar”, ela disse que eu tinha que escolher uma das coisas. Aquilo me chateou muito, me machucou muito, porque nem todos são iguais, e a maioria os pais sustentam (choro). [...] eu não vou parar de estudar, só que eu preciso trabalhar, como eu te disse, têm professores que não entendem. (bolsista 6 – Arquitetura).

Diante da impossibilidade de seus pais arcarem com os custos da vida universitária, como ocorre com a maioria de seus colegas de curso, a bolsista 6 - Arquitetura busca inserir-se no mundo do trabalho para manter-se no ensino superior. No entanto, as ocupações que exerce têm trazido limitações sérias ao seu desempenho acadêmico, colocando em risco a manutenção da bolsa de estudo, que entre outros critérios, exige aproveitamento acadêmico, pois em duas disciplinas a estudante não teve o aproveitamento necessário para ser aprovada.

Nessa situação, que pode claramente ser definida como trabalhadora-estudante, não é o trabalho que precisa se adaptar ao estudo, mas é o estudo que precisa ser adaptado ao trabalho. Como a estudante não consegue investir todo o tempo que seria necessário para cursar regularmente as aulas e para realizar as atividades acadêmicas, a estratégia utilizada por ela para se manter no curso é matricular-se em menos disciplinas no semestre, conforme seu relato: “Nesse semestre eu fiz duas (disciplinas) de dois créditos, na segunda-feira à tarde e na sexta-feira à noite, que eu já passei, eu ainda tenho aula na sexta à tarde e quinta à noite. Eu estou indo, mas estou indo mais devagar, porque eu tenho matérias pendentes para fazer” (bolsista 6 – Arquitetura).

Na condição de trabalhadora-estudante, a mesma bolsista sintetiza as dificuldades enfrentadas diante da exigência do curso integral, com a seguinte frase: “*ou você trabalha ou você estuda, e eu tento fazer os dois*”. O ofício de estudante, nesta situação, vai além da esfera

⁹ Para as autoras, as legislações de Cuba e Portugal, que buscam operacionalizar uma nova condição de estudos superiores para o estudante que trabalha, podem servir como um parâmetro para a construção de uma abordagem mais justa e humana, na relação estudo-trabalho em âmbito nacional.

unicamente acadêmica, demanda a incorporação de práticas para uma convivência (“eu tento fazer os dois”) necessária para que o estudo tenha lugar na vida do estudante e na continuidade da sua formação.

Outra entrevistada, do curso de medicina, depois de fazer semelhante “tentativa”, (bolsista 2), receosa com o baixo desempenho acadêmico obtido quando acumulava estudo e trabalho, precisou recorrer ao apoio de familiares e desta forma conseguiu dedicar-se somente aos estudos “[...] deixei o trabalho no restaurante e só estou estudando mesmo, mas eu vi diferença, melhorou bastante. Ter um tempo só para estudar é melhor, e os resultados vêm”. Mas depender unicamente da renda doméstica, como veremos no relato a seguir, não é uma decisão simples, uma vez que os bolsistas são originários de famílias de baixos recursos financeiros:

Eu queria trabalhar, pelo menos meio período para ajudar meus pais, mas não tem como, não fecham os horários, não dá. O curso é integral, às vezes tem aula manhã e tarde, às vezes, tarde e noite. [...] Nos períodos que não tem aula, ou tem trabalho, que nem hoje, que terminou a aula mais cedo, eu tenho os materiais para colocar esterilizar, sempre tem alguma coisa para fazer. (bolsista 4 – Odontologia).

Em relação à carga horária das aulas e dos trabalhos acadêmicos, observamos diferenças entre os cursos de turno único e os de período integral. Dentre os cursos pesquisados, Administração, Direito, Educação Física, Matemática, Pedagogia e Serviço Social têm aulas somente em um turno, o que já diminui consideravelmente o tempo investido em sala de aula e conseqüentemente a demanda de trabalhos acadêmicos, em comparação aos cursos de período integral, como Arquitetura, Medicina e Odontologia.

Além dos relatos já citados das bolsistas de Arquitetura e Odontologia, a bolsista de Medicina, reforça essa observação, trazendo mais elementos à análise, como a necessidade de ao mesmo tempo, superar as lacunas deixadas por uma educação básica de baixa qualidade (no caso, língua estrangeira) e investir na formação universitária (pesquisa, publicação, eventos extracurriculares) para conseguir cumprir o ofício de estudante. Nesse sentido, segundo Coulon (2008, p. 99) "o mundo da universidade não é o mundo de todo mundo, o que prova que é um ofício. [...] onde se deve construir uma competência que pode deixar alguns estudantes na soleira da porta de entrada por falta de não terem antecipado os conceitos de que necessitariam". Nessa direção o depoimento que segue ilustra o empenho desta estudante de medicina para responder as exigências acadêmicas:

Segunda-feira eu tenho aula somente de manhã [...]. Na terça-feira é manhã, tarde e noite, quarta é manhã e tarde, quinta é manhã, tarde e noite, sexta é manhã e tarde, e quase todo sábado de manhã tem aula. Então é bem puxado. E como a gente tem que saber muito inglês, porque os professores cobram [...], cobram também um currículo bom, com publicação de artigo, então participo de um grupo de pesquisa, são 16 horas por semana, isso também me sobrecarrega, eu adoro o grupo, mas é bem puxado. E com o valor da bolsa de pesquisa eu faço inglês. E ainda participo de coisas por fora, de ligas acadêmicas. Eu estudo então de madrugada, eu durmo bem pouco por dia, e dia das mães, dia dos pais, feriado, isso não existe pra mim, isso que é a rotina de estudo. (bolsista 1 – Medicina).

Assim como a bolsista 1, para desenvolver os três gestos profissionais necessários para o ofício de estudante, que segundo Coulon (2008), são ler, escrever e pensar, a bolsista 7 apresenta igualmente uma rotina de estudo mais sistematizada, onde a estratégia diante da dificuldade de tempo dedicada ao trabalho, é estudar nas madrugadas e nos finais de semana.

O fato de chegar cansada em casa dificulta um pouco, o problema é que até que eu chego em casa, tomo banho, me alimento, começo a estudar depois da meia noite. Você está lendo ali, então não é só uma questão de você passar por cima e deu, ou é uma coisa bem feita. Logo que eu entrei para a universidade, eu começava um trabalho e já queria terminá-lo. Então eu conversei com uma professora, e ela me disse “vai fazendo um pouco por vez”. Agora eu me organizei diferente: eu sempre tenho trabalhos, sempre tenho coisas para fazer, eu faço um pouco por dia e quando eu termino, eu termino tudo, daí sempre tem que ler e se atualizar, estudando autores. [...] No tempo que eu tenho livre, sempre estou olhando, lendo, porque com isso você sempre está aprendendo. (bolsista 7 – Pedagogia).

O que conseguimos apreender é que a rotina de estudo varia entre os bolsistas, mesmo no grupo dos que trabalham e no grupo dos que não exercem uma atividade remunerada. Além dos horários de estudo em sala de aula e das exigências de cada curso, em termos de atividades escolares e outras demandas, observamos, pelas práticas de estudo relatadas, que embora todos necessitem ter um desempenho favorável (sem reprovação em mais de duas disciplinas), para manutenção da bolsa, alguns seguem uma otimização maior do tempo, conforme tentamos demonstrar acima, e outros, apesar dessa cobrança, não têm essa sistematização, concentrando seus esforços no momento das avaliações. Como podemos observar nos relatos abaixo, a falta de sistematização nos estudos está presente tanto em bolsistas que têm uma ocupação remunerada (bolsistas 8 e 10), quanto em outro bolsista, que não se encontra na mesma situação (bolsista 3):

Eu tinha prova hoje de manhã, eu estudei da uma às seis da madrugada. Geralmente é assim, estudei a madrugada inteira, daí eu dormi das 6h30 às 7h e pouco, e vim para a aula. Mas, às vezes, isso é um problema também, eu não sou muito organizado. Minha namorada fala, se eu fosse um pouco mais organizado, um pouco mais paciente, sabe, eu ia ir muito bem em tudo [...]. Se eu fosse uma pessoa mais organizada, eu ia melhorar, e muito, acho que na minha vida falta bastante organização. Minha namorada faz Odontologia também, [...] depois que eu comecei

a namorar com ela, melhorou 80% do meu jeito de estudar, estudamos juntos para as provas. (bolsista 3 – Odontologia).

[...] não sou muito de estudar em casa, sou muito de estudar em sala de aula. Às vezes, o professor dá trabalho e libera às 20 horas. Tem tempo de fazer o trabalho agora, eu fico até às 22h fazendo o meu trabalho, eu tenho aquele tempo ali, por que eu vou para casa? Se precisar ficar até às 22h30 estudando eu fico. Questão de prestar atenção na aula também. Eu presto muita atenção na aula, eu anoto tudo o que o professor fala, é até uma maneira de eu entender melhor, eu anotando, da minha maneira o que eu entendi sobre aquele assunto. Chego em casa e dou uma olhadinha, isso não passa de 30 minutos, então é essa maneira que me faz entender o assunto e ir bem nas provas. Não sou de ficar horas estudando [...]. (bolsista 8 – Educação Física).

Eu sou muito sistemática com relação a datas, se o trabalho é para o mês que vem, e eu conseguir fazer hoje, eu faço hoje. [...] nas épocas de avaliações, de final de semestre, eu tenho uma hora, eu tenho 30 minutos no trabalho, eu vou fazendo as atividades acadêmicas e vou adiantando, daí toca o telefone, eu preciso fazer algum encaminhamento, eu vou, e quando termino eu volto. Então, eu passo o dia inteiro fazendo alguma coisa. [...] é legal, eu gosto, me dá prazer, mas eu tenho uma vida própria. Existe vida após a universidade, a gente não precisa ficar o tempo todo aqui, em casa ou em qualquer outro lugar, fazendo coisas que a gente poderia fazer num horário apropriado, então eu consigo me organizar em relação a isso. (bolsista 10 – Serviço Social).

Conforme os depoimentos, podemos observar que a variável "tempo" disponível para os estudos, apesar de ser bastante significativa, não deve ser a única variável a ser considerada quando falamos do lugar que ocupa o estudo na vida do estudante. Concordamos com Coulon (2008) que além do tempo, o espaço e as regras do saber são modalidades fortemente presentes em toda a aprendizagem. Inclusive, para o mesmo autor, existe um fenômeno de ajustamento da quantidade e da qualidade do trabalho dos estudantes à exigência do curso e de seus professores. Acreditamos também que a mobilização ou desmobilização está associada à relação que o estudante tem com o saber (CHARLOT, 2000), com as disciplinas, com os professores, com a universidade, e também com sua vida social, o que mereceria um estudo mais aprofundado.

3 - Considerações finais

O que podemos observar é que, embora os estudantes entrevistados dependam da condição de trabalhador para garantir sua sobrevivência material, o trabalho assume diferentes configurações na relação com os estudos. O tipo de atividade desenvolvida, a carga horária e o resultado financeiro, bem como as exigências do curso e as condições materiais, culturais e sociais do estudante, entre outros, influenciam nessa configuração.

A ampliação das oportunidades de bolsas de pesquisa, extensão e estágio, ao mesmo tempo em que potencializam a formação acadêmica, como atividades remuneradas auxiliam na permanência do estudante na universidade. Como exemplo, podemos citar o Programa Conexão de Saberes, que ocorre em instituições federais¹⁰, onde o estudante proveniente de meios populares recebe uma bolsa para desenvolver ações junto à comunidade de origem, potencializando o saber adquirido na universidade para entender e transformar a realidade de suas comunidades.

Os resultados obtidos em nossa pesquisa, mas também em outros estudos, indicam a necessidade de investimentos públicos em bolsas de permanência “que permitam ao outrora estudante trabalhador que logrou ingressar em Medicina, condições para cursá-la sem necessidade de trabalhar. Como o fazem seus colegas oriundos de estratos sociais superiores, dedicando-se integralmente ao curso” (VARGAS, 2010, p. 16). Não unicamente para os estudantes do curso de Medicina, mas para todos aqueles que frequentam cursos integrais (como Medicina, Odontologia, Arquitetura, entre outros), uma bolsa permanência (aliada à bolsa integral que recebem) seria a forma anunciada por eles para diminuir as desigualdades que se processam no interior do sistema de ensino. Certamente, porque em função da carga horária do curso, eles não teriam possibilidade de exercer ocupações que demandem tempo que é subtraído das exigências regulares de formação.

Referências

ALMEIDA, W. M. O PROUNI e a “democratização” do ensino superior: explorações empíricas e conceituais. In: *Anais da 33ª Reunião Anual da ANPEd*. Caxambu/MG, 2010. Disponível em: <<http://33reuniao.anped.org.br/internas/ver/trabalhos>>. Acesso em: 9 dez. 2013.

ARENHALDT, R. Estudantes de origem popular na Universidade: Vidas entrelaçadas no Programa Conexões de Saberes da UFRGS. In: *Anais da 35ª Reunião Anual da ANPEd*. Porto de Galinhas/PE, 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT06%20Trabalhos/GT06-2258_int.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2013.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: _____. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 72-79.

CHARLOT, B. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

¹⁰ Maiores informações podem ser consultadas em: <http://portal.mec.gov.br/conexoes-de-saberes>.

COULON, A. *A condição do estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FORACCHI, M. M. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Censo da Educação Superior 2012*. Brasília, 2013. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/brasil-teve-mais-de-7-milhoes-de-matriculas-no-ano-passado>. Acesso em: 20 dez. 2013.

PEREGRINO, M. Os estudos sobre jovens na intersecção da escola com o mundo do trabalho. In: SPOSITO, M. (org.). *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*, v. 2. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 87-120.

RISTOFF, D. I. Perfil socioeconômico do estudante de graduação. Uma análise de dois ciclos completos de ENADE (2004 a 2009). *Cadernos do GEA*, Rio de Janeiro, n.4, jul./dez. 2013. 36 p.

VARGAS, H. M. Aqui é assim: tem curso de rico pra ficar rico e curso de pobre para continuar pobre. In: *Anais da 33ª Reunião Anual da ANPEd*. Caxambu/MG, 2010. Disponível em: <<http://33reuniao.anped.org.br/internas/ver/trabalhos>>. Acesso em: 9 dez. 2013.

VARGAS, H. M.; PAULA, M. F. C. Novas fronteiras na democratização da educação superior: o dilema trabalho e estudo. In: *Anais da 34ª Reunião Anual da ANPEd*. Natal/RN, 2011. Disponível em: <<http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT11/GT11-418%20int.pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2013.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, 2006, vol. 11, n. 32, p. 226-237. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782006000200003>> Acesso em: 20 de abril de 2013.